

**GUIA DE
ESTUDOS**



**O JULGAMENTO DE OTTO ADOLF
EICHMANN SOBRE CRIMES
COMETIDOS NA ALEMANHA
NAZISTA**

TMI - TRIBUNAL MILITAR INTERNACIONAL

Diretoras Responsáveis:
Esther Caroline da Silva Oliveira
Layza M de Paula Egg
Laura Maria Vieira
Paula Cristina Aguiar Cardoso

APRESENTAÇÃO DAS DIRETORAS.....	2
1. OTTO ADOLF EICHMANN: BIOGRAFIA.....	3
2. SURGIMENTO DO NAZISMO.....	5
2.1. TEORIAS E IDEIAS ADOTADAS PELA IDEOLOGIA NAZISTA.....	5
2.1.1. UMA RELEITURA ERRADA SOBRE DARWINISMO SOCIAL.....	5
2.1.2. O ARIANISMO E O ARIANISMO NAZISTA.....	5
2.2. IDEOLOGIA NAZISTA: SUA CONSTRUÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	6
3. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: POLÍTICA E SOCIEDADE.....	7
3.1. OS PRIMEIROS INDÍCIOS.....	7
3.2. O ESTOPIM.....	7
3.3. A BATALHA DE STALINGRADO.....	7
3.4. DIA D.....	8
3.5. JUDEUS - O HOLOCAUSTO.....	9
3.6. O FIM DO CONFLITO.....	9
4. PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	11
4.1. VISÃO DO MUNDO.....	11
4.2. JULGAMENTO DOS CRIMES DE GUERRA.....	12
4.3. FUGA DE EICHMANN.....	15
5. O JULGAMENTO.....	18
6. O COMITÊ.....	19
7. QUESTÕES RELEVANTES.....	20
8. DOSSIÊS.....	21
8.1. AVNER LESS.....	21
8.2. GABRIEL BACH.....	22
8.3. GIDEON HAUSNER.....	23
8.4. GOLDMAN GILAD.....	24
8.5. HANNAH ARENDT.....	25
8.6. ISSER HAREL.....	26
8.7. JOEL BRAND.....	27
8.8. OTTO ADOLF EICHMANN.....	28
8.9. ROBERT SERVATIUS E DIETER WECHTENBRUCH.....	29
8.10. SIMON WIESENTHAL.....	30
8.11. WILLEN SASSEN.....	31
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

Apresentação das diretoras

Esther Oliveira

Olá, delegadas e delegados! Me chamo Esther Oliveira, e atualmente estou cursando técnico integrado em mineração pelo terceiro ano do ensino médio, no IFMG- campus Congonhas. Estou muito feliz e com grandes expectativas para participar de mais uma simulação, e pela primeira vez, como diretora, com as incríveis companhias das minhas queridas parceiras! Assim como as simulações tem acrescentado muito para o meu crescimento, não só intelectual, mas também pessoal, espero que essa acrescente muito a vocês. Será uma honra fazer parte dessa experiência! Bons estudos, e aguardo ansiosamente para vê-los em julho!

Laura Vieira

Olá, senhores delegados e senhoras delegadas! Meu nome é Laura, tenho 19 anos e atualmente estou cursando Psicologia na UFMG. Sou apaixonada pelo mundo das simulações desde meu primeiro ano do ensino médio e, desde então, já fui diretora na edição 2019 da UNIF. Encontrei simulando um lugar aberto para debates e conversas, onde toda opinião deve ser respeitada e ouvida, e um espaço de mudança social. Espero que o tema que escolhemos desperte em vocês a reflexão sobre as obscuridades que já enfrentamos como raça humana e os faça refletir e mudar como aconteceu comigo. No mais, desejo a vocês bons estudos e nos vemos na UNIF!

Layza Egg

Delegados e delegadas, é com inestimável honra e euforia que eu, Layza Egg, me faço presente como diretora neste comitê. Cursando edificações no IFMG Campus Congonhas, tive a incrível oportunidade de ingressar neste tão vasto mundo de simulações. Ao longo desta trajetória como delegada, tive grandes experiências de aprendizagem, tanto pessoais como em aquisição de conhecimento sobre diversos assuntos. Sendo assim, venho, junto com o restante da mesa diretora, trazer oportunidades tão surpreendentes para vocês quanto as que vivenciei. aguardo ansiosa para me encontrar com vocês, e anseio que possamos juntos criar uma discussão inesquecível. Espero que também estejam ansiosos para nos conhecer, e dar início a este tão esperado debate. Desejo-lhes bons estudos, e espero vê-los logo!

Paula Aguiar

Olá, delegadas e delegados! Meu nome é Paula Aguiar e, atualmente, estou cursando Ciências do Estado, na UFMG. Tive contato com as simulações no meu ensino médio e após ver a mudança satisfatória que simular me trouxe quis me engajar mais com o meio e cá estou eu: tendo o maior prazer de me apresentar como diretora desse comitê. Estou à disposição para sanar qualquer dúvida. Nos vemos em julho!

1. Otto Adolf Eichmann: biografia

Otto Adolf Eichmann, nascido em Solingen, Alemanha, no dia 19 de março de 1906, era o mais velho dos seus cinco irmãos. Aos sete anos de idade, mudou-se para a cidade de Linz, na Áustria, devido à transferência de trabalho de seu pai, Karl. Após três anos em sua nova casa, sua mãe veio a falecer, e, a partir daí, ressaltam os historiadores, uma influência de figuras de autoridade masculinas e mais velhas sobre Eichmann. Mantinha-se isolado e afastado dos seus colegas e amigos da mesma idade, sendo caracterizado como solitário. (REYNOLDS, 1961).

A relação de Otto Eichmann com a escola era conturbada, ele teve seu primeiro emprego na firma de mineração de seu pai. Em 1927 seus familiares lhe ofereceram outro emprego: de caixeiro viajante. Nos próximos cinco anos e meio ele trabalhou na Companhia de Óleo a Vácuo, porém se aproximava uma época de severo desemprego e Eichmann acabou sendo demitido em 1933. Ele ficou muito frustrado e compreende-se ainda mais sua frustração ao se ter em mente que “Eichmann só estava preocupado com uma coisa: sua carreira, seu progresso. Queria fazer carreira, dobrar-se à disciplina, submeter-se, servir, receber ordens, dá-las” (HAROCHE, 2013, p. 107).

As características dessa época na vida de Otto são evidentes na sua posterior carreira no partido nazista, pois, conclui-se que pouca atenção foi dada à experiência de trabalho de Eichmann [...] Porém, ele aprendeu muito: como identificar locais privilegiados nos cruzamentos de comunicação, como programar e organizar as entregas, como vender um produto e convencer as pessoas a fazer sua licitação (CESARINI, 2011, s / p.).

Em 1932, tempo antes de sua demissão do último emprego, Adolf Eichmann já havia aderido - aos 26 anos de idade - ao partido nazista, no qual ascendeu ao posto de Obersturmbannführer (uma patente na hierarquia militar do partido nazista usada pela SS), e “o fato de ter sido despedido [...] proporcionou a Eichmann um trabalho em tempo integral no Partido Nazista Austríaco” (REYNOLDS, 1961, p. 54). Primeiramente, Eichmann fez parte da Schutzstaffel (SS), organização paramilitar ligada ao partido nazista, mais tarde candidatou-se a trabalhar na Sicherheitsdienst (SD), o Serviço de Segurança comandado pela SS e, posteriormente, pelo Reichssicherheitshauptamt (RSHA). “A princípio, seu trabalho era pouco mais que o de um escrevente, mas agora estava dominado por uma feroz compulsão de vir a ser algum dia um dos chefes da SS” (REYNOLDS, 1961, p. 55). Foi trabalhando em um dos escritórios nazistas que Eichmann começou a ganhar notoriedade com a questão judaica, isso lhe rendeu transferências à Gestapo - polícia secreta do Estado - e à divisão de assuntos judaicos do RSHA.

Compreendeu que para subir mais teria que adquirir uma especialidade e foi suficientemente esperto para escolher a “questão judaica”. O homem que antes havia desdenhado a educação agora resolvia estudar toda a estrutura social judaica na Alemanha e nos demais países europeus, bem como a organização do sionismo. Leu todos os livros que pôde obter sobre assuntos judaicos e chegou a tomar lições, tanto de iídiche como de hebraico [...]. Em dois anos, sem dúvida, sabia tanto do sionismo e dos negócios internos dos judeus como qualquer estudante de

ciência judaica (REYNOLDS, 1961, p. 58-9). Portanto, o título de antissemita ferrenho não se encaixa a Eichmann, uma vez que ele via o extermínio dos judeus como uma forma de se ascender pessoalmente, o título que mais se encaixa a personalidade de Otto é de um perfeito burocrata.

Após esse feito, Otto percebeu que um casamento traria mais destaque à sua carreira dentro do partido, casou-se, então, com Veronika Liebel e, assim, seu progresso na SS estava fluindo: Eichmann alçou-se a posições de maior responsabilidade dentro da instituição. Após chefiar a divisão de assuntos palestinos e do Oriente Médio da SS, foi transferido, em 1940, para a chefia do escritório judaico da Gestapo, onde foi incumbido por Heinrich Himmler e Reinhard Heydrich, altos oficiais nazistas, com a responsabilidade de executar os planos de Hitler de “solução do problema judaico” (REYNOLDS, 1961).

Segundo Hannah Arendt, existiam três “soluções” que se tentou dar ao “problema judaico”: expulsão, concentração e assassinato. Eichmann teve papel relevante no desenvolvimento de cada uma dessas fases. Foi responsável, primeiramente, por criar verdadeiras linhas de montagem de expulsão dos judeus: galpões nos quais as vítimas entravam ainda possuindo seus bens e saiam não apenas sem eles, mas com toda a documentação necessária para que fossem realocados para outros países. Quanto à concentração, o escritório de Eichmann começou a elaborar um plano para reunir os judeus em algum lugar no leste da Europa. Como não havia recursos suficientes para se levar a cabo esse plano, a solução temporária foi levar os judeus aos guetos enquanto Eichmann tentava realocá-los permanentemente em Madagascar, programa que também não foi desenvolvido. Reynolds (1961, p. 89) destaca que “o fracasso do Plano Madagascar fora um golpe para o orgulho de Eichmann. Entregou-se com entusiasmo ao seu novo trabalho de extermínio. Já não se preocupava mais com emigração, expulsão e transplantação”. Assim, foi responsável, por fim, por organizar toda a logística dos transportes dos judeus dos guetos e de diversos países, principalmente da Hungria, para os campos de extermínio, após ter participado da Conferência de Wannsee, na qual os altos oficiais do partido nazista autorizaram a “solução final” (CESARANI, 2011).

2. Surgimento do Nazismo

O Nazismo foi uma ideologia política extremamente racista que surgiu e se espalhou pela Alemanha, tendo como o seu principal propagador o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, liderado por Adolf Hitler. Por meio de um regime ditatorial, o Partido Nazi conduziu um país abalado pós-guerra, a uma recuperação econômica e política. Em meio a isso, as ideias racistas e preconceituosas incentivadas pelo governo, eram cada vez mais disseminadas naquela sociedade. Além da perseguição feita pela própria população, houve uma cassação e exterminação conduzida pelo líder da República, onde milhões de pessoas foram assassinadas.

2.1. Teorias e ideias adotadas pela ideologia Nazista

2.1.1. Uma releitura errada sobre darwinismo social

Charles Darwin, um importante biólogo e naturalista do séc XIX, foi responsável pela criação do livro "A origem das espécies". Charles concluiu em sua obra, que a constituição dos seres vivos não tinha qualquer ligação com a religião, e que era na verdade, consequência das adaptações aos diferentes tipos de ambiente por um longo período de tempo. As ideias com que Darwin trabalhou eram voltadas apenas para a área das ciências biológicas, no entanto, alguns pensadores começaram a utilizar destes conceitos para o entendimento de várias práticas sociais, nascendo assim, o darwinismo social.

Esses pensadores passaram a ser chamados de darwinistas sociais, e adotando suas ideias, os nazistas acreditavam fortemente que as pessoas poderiam ser separadas em grupos raciais. A distinção de cada grupo era feita seguindo as suas características, sejam elas físicas, comportamentais, ou até mesmo por sua capacidade intelectual. Para que cada uma das pessoas de um povo tenham aspectos semelhantes, elas teriam um ancestral em comum, e os seus traços teriam sido passados de geração em geração de forma invariável. Sendo assim, impossível a alteração da natureza do indivíduo de acordo com a "raça" pertencente, independente do tempo, lugar ou cultura na qual estaria inserido.

Utilizaram também como base, a teoria da evolução de Darwin "A sobrevivência do mais forte". A forma como as raças se reproduzem e se mantêm prósperas a uma vida longa a partir da garantia de alimentos, terras e poder de defesa, era o meio de classificar tais grupos como inferiores ou superiores aos outros. Essa classificação tem como objetivo distinguir quais grupos teriam capacidade de conservar seus valores, enquanto lutam constantemente pela sobrevivência.

2.1.2- O Arianismo e o Arianismo nazista

Surgindo no séc. IV a.C. na Ásia Central e sendo uma doutrina filosófica fundada por Ário, o Arianismo questionou, durante sua existência, vários dogmas presentes na igreja católica. Sendo deles os mais conhecidos, o Apolinarismo e o Nestorianismo. O Apolinarismo afirma que Jesus não teria um corpo, alma e espírito assim como os homens, ele seria somente o espírito. Dessa maneira, ele poderia encarnar em diversos corpos. Já o Nestorianismo acredita que Jesus possuía

duas formas, uma divina, que estava presente quando ele realizava ações divinas e uma humana, assumia lugar nas ações mundanas.

As doutrinas de Ário foram espalhadas por toda a Europa, carregando até um certo momento da história, uma concepção somente religiosa no seu significado. No entanto, a Alemanha se apropriou do termo no século XIX, baseando-se no radical da palavra Arianismo, que vem de arya, que por sua vez é provido de sânscrito e possui significado de nobre. Os pensamentos de Arthur Gabineau - diplomata, escritor e filósofo francês - também foram fundamentais na construção de um novo significado para a expressão. Ele dizia ser o povo Ariano a raça mais pura existente, e, deste modo, todos que descendiam deste povo seriam tão puros quanto.

2.2- Ideologia nazista: sua construção e suas consequências

Após a primeira guerra mundial e a derrota da Tríplice Aliança, foi estabelecido um tratado entre os alemães, britânicos e francês. Apesar do intuito inicial do tratado, intitulado Tratado de Versalhes, ter sido instaurar a paz, os severos termos instituídos além de deixar o povo alemão em uma complicada condição financeira, causaram sentimentos de frustração, humilhação e fracasso. Com essa frágil situação em que a nação se encontrava, uma associação de pessoas que tinham o objetivo de levar seu país de volta à glória, criou o Partido dos Trabalhadores Alemães, que viria a ser mais tarde o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Conhecido também como Partido Nazista ou Partido Nazi, teve a liderança assumida por Adolf Hitler, tendo sido esta, a sua porta de entrada para se tornar Chanceler e levar seus seguidores rumo a vingança em nome de seu país. Em uma tentativa fracassada de tomar o poder, no ano de 1923, Hitler foi preso, sendo acusado de tentativa de golpe ao Estado. Durante o período em que estava encarcerado, Adolf H. escreveu o livro *Mein Kampf* (Minha Luta). Todas suas ideias racistas baseadas em Darwin e a raça Ariana foram expressadas ali, e com o passar dos capítulos, foi-se construindo a ideologia nazista, a qual foi usada como política de Estado. Quando Hitler assumiu como Chanceler da República, em 1933, começou no país uma prática de governo voltada para os pilares da ideologia nazi. Ideias anti semitistas, eugenistas, nacionalistas, anticomunistas e totalitaristas se uniam com o objetivo de construir o espaço vital, um espaço geográfico livre de todas as raças inferiores para que o povo alemão pudesse prosperar. Com diversas propagandas, sejam elas de deterioração da imagem de judeus ou de promessa de salvação da economia, Adolf conquistou sua massa de seguidores. A perseguição contra o povo judeu iniciou com propagandas difamando sua aparência, houve a confiscação de terrenos, negócios e fortunas, e até a proibição de casamento dos mesmos com alemães. Os judeus juntamente com outros grupos que eram considerados inferiores, como negros, homossexuais e ciganos, representavam a nascente de todo o mal que existia no país, gerando grande ódio sobre tais "raças inferiores". A vulgarização desse ódio foi essência para que a perseguição chegasse em seu ponto mais extremo, e se tornasse o maior genocídio da história da humanidade, o Holocausto.

3. Segunda Guerra Mundial: política e sociedade

3.1. Os primeiros indícios

Após a chegada de Hitler ao poder, uma de suas primeiras ações foi a retirada da Alemanha da Liga das Nações (órgão internacional criado pelas potências vencedoras da primeira guerra mundial, com o objetivo de um acordo de paz entre as nações). Uma das claras metas do líder alemão era cumprir a Teoria do espaço vital - expansão do povo ariano. O mesmo investia fortemente em seu exército, descumprindo assim o Tratado de Versalhes, que limitava as forças alemãs, como uma forma de "castigo" pelos danos causados durante a primeira guerra. Apesar da constantes violação do acordo, a Alemanha não foi impedida por outros países europeus, pois apesar de seus atos, a expansão do país nazista, significava, para muitos, um combate direto a propagação do comunismo. Enquanto sua boa fama por ter reestruturado o país se espalhava, Hitler ia aos poucos conquistando novos territórios, por meio das Blitzkrieg, guerras-relâmpago. Ao perceberem um avanço alemão desnecessário, Adolf já havia tomado atitudes que pudessem lhe assegurar aliados em uma possível guerra: fez alianças com a Itália e Japão, formando-se assim o "Eixo", e também entrou em consenso com a União Soviética, para caso entrassem em guerra, os mesmos dividissem o território polonês, se os conquistasse - acordo nomeado por tratado Ribbentrop Molotov.

3.2. O estopim

Os demais países europeus, perceberam uma expansão compulsória alemã, e mesmo sendo alertado para que parasse de avançar, Hitler deu as ordens de invasão a Polônia em 17 de setembro de 1939, sendo esse o ato que oficialmente deu o início da segunda guerra mundial, pois após pouco tempo, França e Inglaterra - união nomeada por "Aliados"- declararam guerra contra a Alemanha.

Tendo ocupado uma parte da França, o líder alemão tinha como próximo passo a invasão à Inglaterra. Os ingleses resistiram bravamente às investidas alemãs em seu território, e como forma de reação, tomaram a atitude que país algum havia tomado anteriormente: bombardear Berlim, capital da Alemanha.

Enquanto isso, o Japão, participante do "Eixo", estava cada vez mais forte, conquistando diversas ilhas no oceano Pacífico, demonstrando ser, assim, uma possível ameaça à economia dos Estados Unidos, que era parcialmente dependente das mesmas. Em 1941, o país asiático, atacou a base americana de Pearl Harbor, acontecimento que motivou aos EUA a entrada na guerra, ao lado da "Aliança".

3.3. Batalha de Stalingrado

Cego pelo desejo de ter mais território e motivado por sua repulsa ao comunismo, em 1941, Adolf decidiu descumprir o tratado Ribbentrop-Molotov que havia feito com a URSS. Em agosto de 1942, deu-se início a uma operação com o objetivo de conquistar a cidade de Stalingrado, que

para Hitler, a vitória iria além de um território a mais, mas seria um símbolo de sua superioridade.

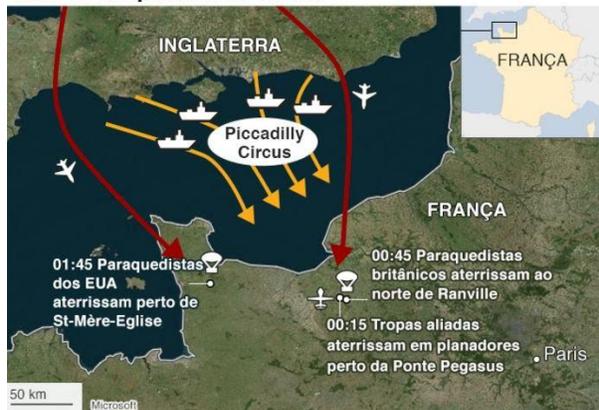
O conflito, que era claramente também ideológico (stalinismo x nazismo), foi muito sangrento, ocasionando a morte de uma média de 2 milhões de pessoas. A URSS resistia fortemente, mas o líder alemão não se rendia, apenas enviava mais recursos para a batalha, o que exigiu um grande investimento econômico, algo de grande risco, pois a Alemanha encontrava-se em conflito com outros países, além da União Soviética.

Vivenciando uma situação caótica - indo a óbito não só por meio de combates, mas também por desnutrição e hipotermia, devido ao inverno-, a desistência alemã não se deve a uma ordem superior, mas partiu da rendição do próprio exército, que encontrava-se cercado pelas tropas opositoras.

3.4. Dia D

Em junho de 1944, tropas do Reino Unido, EUA, Canadá e França, atacaram as forças alemãs, por meio de um desembarque simultâneo pelas praias da Normandia. A operação, que levou mais de um ano de planejamento, começou na madrugada. Utilizaram-se de diversas estratégias para enganar os alemães antes da invasão principal, a qual contou com quase 7 mil embarcações e 10 mil veículos.

Dia D - as primeiras horas



Dia D - ataque às praias



A Alemanha não estava preparada para defender-se de um ataque de tal porte, e as tropas opositoras, mesmo que estivessem sofrendo também, reforçavam constantemente seu exército; logo, foram avançando cada vez mais por Normandia, e reconquistado seu território do domínio alemão.

Dia D - território sob controle



Dia D, um termo militar, é utilizado para declarar a data a qual um ataque ou uma operação de combate será realizada; o mais famoso foi o dos desembarques na Normandia, por isso a batalha é reconhecida por tal nome.

3.5. Judeus - O holocausto

Durante toda a guerra, era explícito o repúdio de Adolf a judeus. Eles eram mandados para guetos e campos de concentração, onde sofriam trabalho escravo. Em 1942, foi idealizado um plano, elaborado por Reinhard Heydrich e Heinrich Himmler, e visava o extermínio dos judeus da Europa - nomeado de "Solução Final", o mesmo consistia na utilização máxima da mão de obra escrava judia até onde o povo alemão julgasse necessário, e logo após ocorreria um genocídio.

É de suma importância pontuar que não só os judeus eram perseguidos, mas também homossexuais, ciganos, negros, prisioneiros e todos os que eram vistos como escória da sociedade. Ao final de 1945, os nazistas já haviam assassinado cerca de 6 milhões de judeus.

3.6. O fim do conflito

Em abril de 1945, vivenciando uma realidade conturbada, por conta da pressão feita por outros países sobre a Alemanha, e cheia de conflitos, ao perceber que já não mantinha mais o controle da situação, Hitler comete suicídio. Seu sucessor, logo rende a Alemanha aos Aliados na guerra. Apesar disso, o atrito não acaba por aí, pois mesmo após a Alemanha rendida, e a Itália dominada pela oposição, o Japão, desejando sempre sua superioridade aos EUA, fazia coisas absurdas para vencer a guerra.

Os Kamikazes, pilotos suicidas japoneses, tinham a missão de bombardear com o próprio avião, os barcos, bases e entre outras coisas pertencentes aos americanos. Em suas operações, cerca de

2.525 pilotos morreram, causando a morte de 7.000 soldados aliados e deixando mais de 4 mil feridos.

Ao decorrer do conflito mundial, os Estados Unidos produziram um projeto secreto, denominado "Projeto Manhattan", onde fabricaram uma bomba atômica. Pela primeira vez na história da humanidade foi utilizada uma arma com tamanho poder destrutivo. Como resposta aos ataques japoneses, o governo americano resolveu fazer uso de sua poderosa arma, o alvo da bomba foi a cidade de Hiroshima. Após alguns dias, com a resistência japonesa, foi disparada outra bomba, dessa vez, na cidade de Nagasaki. Diante aos ocorridos, o país asiático rendeu-se, e a guerra finalmente terminou.

4. Pós segunda Guerra Mundial

4.1. Visão do mundo

7 de maio de 1945 ficou marcado na história mundial como o dia em que a Alemanha nazista se rendeu incondicionalmente às forças dos Países Aliados que se tornaram posteriormente a base para a formação do grupo das Nações Unidas com a Declaração das Nações Unidas, datada de 1º de janeiro de 1942 e assinada em Washington por 26 países. Em um acordo realizado no início do ano de 1945 pelos líderes de governo dos Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética, posto que o país alemão não resistiria por muito mais tempo às investidas militares que recebia constantemente, foi decidido que todos os países libertados no pós guerra deveriam realizar eleições livres e democráticas, além de que a União Soviética teria o predomínio sobre a Europa Oriental, incorporando os territórios alemães a leste, influenciando na rendição japonesa e dividindo a Coreia em Norte, de influência socialista, e Sul, de influência capitalista e principalmente norte americana. O território alemão foi dividido entre Alemanha Ocidental, capitalista e com capital em Bonn, e Alemanha Oriental, socialista e com capital em Berlim, que foi dividida entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental. Em 13 de agosto de 1961 foi construído o Muro de Berlim, que separou fisicamente os territórios e marcou a dualidade alemã daquele período.



Alemanha dividida entre porção ocidental e oriental no pós guerra

Não só a Alemanha mas grande parte dos países que foram afetados pela Segunda Guerra Mundial ficaram divididos após o término do conflito, sofrendo influências culturais e econômicas dos Estados Unidos ou da União Soviética, sendo que países que foram libertados do domínio nazista pelo Exército Vermelho, como Tchecoslováquia, Iugoslávia, Romênia, Hungria, Polônia, Bulgária e Albânia, aderiram ao regime socialista e estabeleceram conexões com a

URSS. No entanto, os Estados Unidos saíram da guerra formados como a maior potência do mundo capitalista, visto que suas baixas numéricas foram as menores entre as potências envolvidas, além de que, como o conflito não atingiu seu território, o país pôde enviar empréstimos aos países europeus para sua reconstrução e ganhar sobre os juros dessas transações monetárias.

Muito além de consequências territoriais, o final da guerra revela números exorbitantes de mortes que ocorreram no período supracitado. Estima-se que o regime nazista tenha sido responsável pela morte de 2 milhões de poloneses, 4 milhões de pessoas com problemas mentais e deficiências físicas e mais de 6 milhões de judeus nos guetos e campos de concentração promovidos durante o Holocausto. Ademais, houveram numerosas perdas de militares e civis, principalmente pelas potências mais envolvidas no embate direto.

Um fato também chocante sobre o desfecho do conflito foi o ataque ao território japonês realizado pelos Estados Unidos utilizando duas bombas atômicas e matando milhares de inocentes que se encontravam nas proximidades das cidades de Hiroshima e Nagasaki, que culminou na rendição japonesa aos aliados.

4.2. Julgamentos dos crimes de guerra

Tendo vivenciado dois períodos de guerra no mesmo século, as potências mundiais, que antes se denominavam Liga das Nações, promoveram encontros entre representantes dos países que desejavam participar da fundação de um órgão internacional que prevenisse situações conflituosas e massacres como os ocorridos no período do Holocausto. Assim, a Carta das Nações Unidas foi assinada em São Francisco no dia 26 de junho de 1945, entrando em vigor em 24 de outubro daquele ano. O preâmbulo da Carta conta com as seguintes palavras:

NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, RESOLVIDOS a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade ampla. E PARA TAIS FINS, praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos. RESOLVEMOS CONJUGAR NOSSOS ESFORÇOS PARA A CONSECUÇÃO DESSES OBJETIVOS. Em vista disso, nossos respectivos Governos, por intermédio de representantes reunidos na cidade de São Francisco, depois de exibirem seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida forma, concordaram com a presente Carta das Nações Unidas e estabelecem, por meio dela, uma organização internacional que será conhecida pelo nome de Nações Unidas. [NAÇÕES UNIDAS BRASIL]

Com a fundação da Organização das Nações Unidas, os aliados resolveram que um julgamento conjunto presidido por um Tribunal Militar Internacional seria a melhor solução para determinar

as punições adequadas aos criminosos do período nazista. Nas palavras do ex-secretário de Estado dos EUA, Cordell Hull: “a condenação após um processo como esse satisfará o julgamento da história, de modo tal que os alemães não poderão reivindicar que a admissão de sua culpa na guerra foi deles extraída sob coação.” Na Declaração de Moscou, assinada pelos líderes dos EUA, Reino Unido e URSS, fica estabelecido que criminosos de guerra devem ser julgados no país em que os crimes foram cometidos e, sendo assim, de acordo com suas leis, já os crimes que não podem ser atribuídos a um local específico, devem ser julgados no Tribunal Internacional, sob a supervisão das Nações Unidas.

O julgamento dos principais líderes do governo nazista aconteceu em Nuremberg, iniciado no dia 20 de novembro de 1945, sendo que cada uma das potências aliadas ofereceu um juiz e uma equipe de promotores com o presidente do Supremo Tribunal da Grã-Bretanha tendo presidido também os trabalhos da corte. Quatro acusações foram feitas contra os réus no Tribunal, sendo elas conspiração para cometer crimes de paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade; crimes contra a paz; crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Com as acusações de conspiração, poderiam também ser julgados aqueles que participaram ativamente de organizações comprovadamente criminosas, como as organizações de segurança da Alemanha nazista passaram a ser consideradas no pós guerra. Cada réu teve direito a seu advogado de defesa que poderia ser livremente escolhido. As evidências de maior destaque no julgamento foram documentos escritos pelos próprios nazistas, apesar de que os testemunhos dos judeus, povo que foi diretamente afetado pelo nazismo, ajudaram a fundamentar muito do que conhecemos hoje sobre as práticas realizadas nos campos de concentração nazistas. Houveram 12 réus condenados à morte, 3 a prisão perpétua, 4 a um período de reclusão de 10 a 20 anos e 3 deles foram absolvidos. Após o Tribunal de Nuremberg, houveram numerosos outros julgamentos relacionados à punição de crimes relacionados ao nazismo, principalmente relacionados a oficiais e sub-oficiais do período.

Existem, porém, controvérsias no que tange ao julgamento realizado em Nuremberg, Nelson Hungria aponta que, como os fatos ocorridos não foram estabelecidos anteriormente à guerra como crimes passíveis de punição, o julgamento teria seu teor invalidado, além de ter culpabilizado indivíduos por crimes cometidos em nome do Estado.

O tribunal de Nuremberg há de ficar como uma nódoa da civilização contemporânea: fez tábula rasa do nullum crimen, nulla poena sine lege (com um improvisado Plano de Julgamento, de efeito retroativo, incriminou fatos pretéritos e impôs aos seus autores o ‘enforcamento’ e penas puramente arbitrárias); desatendeu ao princípio da ‘territorialidade da lei penal’; estabeleceu a responsabilidade penal de indivíduos participantes de tais ou quais associações, ainda que alheios aos fatos a eles imputados, funcionou em nome dos vencedores, que haviam cometido os mesmíssimos fatos atribuídos aos réus; suas sentenças eram inapeláveis, ainda quando decretavam a pena de morte. (HUNGRIA, 1958. p.31)

Sendo assim, o tribunal sofreu duras críticas, tanto pelos fatores apresentados anteriormente, quanto pela escolha de apenas empregar juizes e promotoria pertencentes aos países vencedores

da guerra, colocando a imparcialidade do veredito em dúvida. Porém, Joanisval de Brito Gonçalves aponta que após o tribunal de Nuremberg, fica inegável o fato de que novas regras internacionais relacionadas ao que deve ser considerado crime foram estabelecidas.

Com Nuremberg, tipificaram-se novos grandes delitos internacionais, crimes contra a humanidade e crimes contra a paz. Consolidaram-se os encargos conhecidos como crimes de guerra e o crime da agressão. Após Nuremberg, não se poderia mais argumentar a ausência de normas internacionais ou de precedentes para absolver grandes criminosos. (GONÇALVES, 2001, p.189-190)

Para julgar os crimes cometidos pelos japoneses no período da guerra, foi instituído o Tribunal Militar do Extremo Oriente, coordenado por um comandante dos EUA no Japão, que também indicou os 11 juízes, anteriormente apontados pela carta de rendição japonesa. Desse modo, foi estabelecida a Carta do tribunal Penal Militar para o Extremo Oriente, sobre a qual discorre Joanisval Brito Gonçalves:

A Carta de Tóquio estabelece as três categorias de crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade, com uma diferença no que se refere à guerra de agressão: enquanto Nuremberg trata apenas de guerra “declarada”, o Estatuto do Tribunal do Extremo Oriente prevê como crime “o planejamento, a preparação, o início e a implementação de uma guerra declarada ou não”. Com isso, poder-se-ia levar a juízo os criminosos de guerra japoneses pelo ataque a Pearl Harbor, o qual tinha ocorrido sem a declaração de guerra formal do Japão aos Estados Unidos da América. (GONÇALVES, 2001, p.203)

Ainda segundo o estudioso, é importante ressaltar que um fator que esteve presente na Carta de Tóquio e não participou das temáticas do julgamento de Nuremberg foi a convivência aos atos realizados por Alemanha e Itália no período da guerra, já que se constasse no julgamento alemão, essa cláusula poderia se virar contra o governo soviético, graças ao seu pacto Molotov-Ribbentrop que foi firmado entre URSS e Alemanha. O citado acordo promovia a não agressão mútua entre as nações e uma futura invasão e divisão da Polônia. Apesar de ter sido invalidado por ações futuras de ambos os países, ainda seria considerado um apoio dado pelos soviéticos aos alemães em seus atos de destruição e dominação na Europa.

Ademais, a esse julgamento cabe a mesma reflexão feita acerca do tribunal de Nuremberg: a validade das punições é real ou foram apenas formas de os vitoriosos da guerra punirem aqueles que faziam parte do lado perdedor, atenuando assim os crimes cometidos pelos próprios países que acusavam Japão e Alemanha? Sobre isso disserta Jose Augustin Martinez:

Se a Inglaterra e os Estados Unidos tivessem perdido a guerra, ter-lhe-ia parecido legítimo que o Tribunal fosse composto por alemães e italianos ou japoneses, exclusivamente? Se ante um tribunal japonês tivesse comparecido o presidente Truman, após o emprego da bomba atômica em Hiroshima e em Nagasaki, teria o mundo aceito, com imparcialidade, o veredito deste tribunal? (MARTINEZ, 1953, p. 55)

No período seguinte à guerra, o antissemitismo já havia se espalhado pelo mundo todo e havia numerosos simpatizantes do regime de Hitler instalados nas mais diferentes localidades no

mundo, o que favoreceu a fuga de muitos dos líderes do regime do Terceiro Reich. Um dos locais que concentrou, segundo pesquisa do Centro Simon Wiesenthal, cerca de 300 criminosos de guerra, incluindo alemães, franceses, belgas e croatas foi a Argentina do presidente Juan Domingo Perón, que apoiava a vinda de tais criminosos ao seu país, onde por muitos anos permaneceram vivendo sob falsas identidades e impunes dos crimes cometidos.

4.3. Fuga de Eichmann

Sabe-se que no anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial um grande grupo de líderes do regime nazista escapou dos julgamentos e punições realizados pelos aliados por meio de rotas de fuga, chegadas ao conhecimento do público depois de anos de sucesso no transporte e evasão de criminosos. Segundo Eric Frattini, em entrevista sobre seu livro “A fuga dos nazi”, a rota que refugiou criminosos como Josef Mengele e Adolf Eichmann é chamada de Corredor do Vaticano, caminho que começa passando pela Áustria, passa por Milão e chega a Roma, onde a Igreja Católica, através da ação humanitária da Cruz Vermelha, lhes entregava documentos falsos e os embarcava para países da América do Sul, como a Argentina. A ação contava com o apoio direto do Monsenhor Montini, que viria a se tornar o Papa Paulo VI e, muito provavelmente, o Papa Pio XII tinha conhecimento dos acontecimentos, além do fato de que era extremamente anticomunista, o que o fazia acreditar que os únicos que poderiam deter o avanço soviético pós guerra sobre a Europa eram os que haviam sido criminosos de guerra.

Em uma carta endereçada a um amigo que também fugia da justiça dos aliados, levada a público posteriormente à morte do autor e ex general nazista Otto Wächter, sob o pseudônimo de Alfredo Reinhardt, foi detalhado o processo que ele vinha enfrentando em Roma para conseguir sua fuga para a América do Sul, por meio do financiamento de pessoas influentes e da Igreja Católica. O documento prova que um grande número de viagens sob esse fim foi realizado com o intermédio dos órgãos citados.

Ele mais tarde comentou, quando falávamos do seu caso, que acreditava poder levantar o financiamento para lhe ajudar (da mesma maneira que havia conseguido para si). Condição indispensável para isso é que você declare ser Protestante (isso mesmo: Protestante!!). – Trata-se aqui da organização que já financiou a viagem de um grande número de interessados, e da qual até há pouco fazia parte aquela famosa dama americana. Naquela época também pagavam, excepcionalmente, para pessoas de outras confissões, mas agora, com a mudança de regime, essa opção está infelizmente descartada. – Eu devo dizer que essa pessoa de que falo me parece ser um homem bastante sério, depois de tudo que pude saber sobre ele. – O dito cujo também disse que daqui dez dias, ou seja, lá pelo dia 20, estará aqui pra pegar seu navio. Nesse tempo ele poderia lhe dar uma ajuda nessas coisas, conforme ele mesmo disse.[Otto Wächter]

À altura do fim da guerra, o tenente-coronel Adolf Eichmann já havia se casado e tinha 3 filhos com sua esposa. Conhecendo as condições que perpassavam a provável derrota alemã na guerra, deu aos seus familiares cápsulas de veneno para o caso de serem encontrados pelo Exército Soviético e debandou em fuga pelo sul da Alemanha. Já na cidade de Ulm, foi capturado pelo

Exército Americano, quando assumiu sua primeira identidade falsa: Adolf Barth, cabo da Força Aérea alemã. A cada transferência de campo que passava, assumia uma nova identidade até que conseguiu ser liberto e viveu tranquilamente por alguns anos em uma comunidade rural chamada Eversen.

Com o passar dos anos, Eichmann se viu na necessidade de fugir da Alemanha, visto que, mesmo com a guerra acabada, seu nome ainda era citado como culpado por vários presos julgados em Nuremberg. Seguiu o Corredor do Vaticano e conseguiu um novo passaporte com identidade falsa através da Cruz Vermelha. No dia 14 de julho de 1950, Eichmann desembarcou em Buenos Aires.



Passaporte falso que Eichmann utilizou em sua fuga internacional

Algum tempo depois, a família de Adolf desembarcou na Argentina, onde viveu sob a identidade de Ricardo Klement, um tio casado que havia abrigado seus sobrinhos de sobrenome Eichmann depois da guerra. Até o ano de 1957, pouco se sabia sobre o paradeiro dele, porém seu filho Klaus cometeu um deslize ao afirmar que seria uma pena que Hitler não houvesse alcançado seu objetivo final enquanto se encontrava na casa de um homem com ascendência judia. Esse logo reportou as informações ao serviço secreto de Israel, o Mossad, que pouco fez a partir da informação, já que carecia de mais provas para convergir energias na investigação do assunto. Porém, a apresentação de novas informações levaram a crer que Eichmann realmente estaria vivendo na Argentina por todo esse tempo, o que levou a agência a investigar o assunto por meio de voluntários enviados para observar a suposta moradia da família.

Logo que chegou a confirmação da identidade de Adolf, foi uma questão de dias até que uma armadilha fosse planejada para capturá-lo no momento em que chegasse do serviço. Observada sua rotina de horários e locais, a captura foi bem sucedida e ele foi mantido prisioneiro e passou por interrogatório em uma das casas-esconderijo alugadas para essa finalidade. Alguns dias de espera e a equipe conseguiu embarcar com o prisioneiro no avião que os levaria de volta a Israel disfarçados como funcionários da companhia aérea que fazia o transporte. Pousaram finalmente em seu destino: a missão fora bem sucedida.

5. O julgamento

Tenho de informar que forças de segurança israelenses encontraram um dos maiores criminosos nazistas, Adolf Eichmann, que, junto com outros líderes nazistas, é responsável pelo que eles denominaram de "a solução final" da questão judaica, em outras palavras, o extermínio de 6 milhões de judeus europeus. Adolf Eichmann já está preso neste país e será em breve levado a julgamento de acordo com a lei de 1950 que pune nazistas e seus colaboradores. [David Ben Gurion, primeiro ministro israelense, 23 de maio de 1960]

Logo após o anúncio feito pelo primeiro ministro, a Argentina se pronunciou oficialmente, alegando que houve quebra de sua soberania e exigiu que o prisioneiro retornasse ao solo sul-americano. Até mesmo foi feito o acionamento do Conselho de Segurança da ONU por parte do governo argentino para reclamar o direito de julgar Eichmann, porém, com o tempo, as negociações cessaram e a simpatia mútua entre os países foi declarada.

As principais acusações realizadas contra o réu se baseiam no conceito de crimes contra a humanidade definido em Nuremberg no já citado Tribunal de Nuremberg, considerando que a Solução Final colocada em prática com a direção de Eichmann foi considerada uma tentativa de dizimar toda uma população, sem ganhos de qualquer espécie, além de crimes contra o povo judeu e crimes de guerra. O tribunal terá seu início no dia 11 de abril de 1961, no Tribunal Distrital de Jerusalém, em Israel.

Existem, porém, questionamentos acerca da validade do julgamento a ser realizado em Jerusalém, já que se levanta a questão de um país julgando as atitudes tomadas em nome de outra nação: Eichmann foi tratado como a personificação do Holocausto, e não como o funcionário participante de uma máquina governamental muito maior que era, desde o momento de seu sequestro na Argentina. Para estudiosos do caso, como Hannah Arendt, o julgamento toma a forma substancialmente simbólica a qual foi atrelado, a justiça dos judeus sendo feita sobre os nazistas que tentaram dizimar seu povo na figura de um único burocrata da Solução Final.

6. O comitê

Durante o período do regime nazista na Alemanha, sob comando de Adolf Hitler, houveram registros do genocídio de mais de 5 milhões de judeus. Entre 1933 e 1943 o tenente-coronel Otto Adolf Eichmann serviu ao governo alemão, sendo responsável por gerir a logística da deportação em massa dos judeus para os guetos e campos de extermínio. Após a invasão da Hungria pela Alemanha, Eichmann e sua equipe foram destacados para a deportação da população judia para Auschwitz, onde mais de 430.000 judeus foram mortos. Ele afirmou no final da guerra que "daria saltos na sua sepultura de tanto rir porque, sentir que tinha cinco milhões de pessoas na sua consciência, seria para ele uma fonte de extraordinária satisfação." O comitê funcionará como o tribunal, em que a mesa diretora exercerá o papel de juíza, enquanto os demais personagens apresentam seus devidos argumentos até que o veredito do réu seja proferido.

7. Questões relevantes

- Eichmann foi culpado de todos os crimes pelos quais foi indiciado?
- Eichmann foi apenas mais uma engrenagem da máquina nazista ou foi de fato um homem cruel que personifica a Solução Final?
- O fato de o julgamento tomar palco em Israel e não na Alemanha ou em Haia o torna menos válido?
- A extradição de Eichmann da Argentina para Israel foi justa?
- Condenar alguém por crimes que antecedem a criação da lei que os pune é válido?

8. Dossiês

8.1. Avner Less

Avner Less nasceu em Berlim, Alemanha, em 1916, e, assim que os nazistas tomaram o poder, ele emigrou para a França. Nos anos de 1941 a 1948, foi policial em Haifa e verificador de preços do distrito local. Após a independência de Israel em 1948, ele se tornou chefe da Seção de Importação e Exportação do Ministério da Indústria e Comércio e foi vice-diretor do Departamento Jurídico para controle de preços no distrito de Haifa. Se juntou à Polícia de Israel, em 1951, e trabalhou no Departamento de Crimes Econômicos. Sendo membro oficial da Polícia de Israel, foi designado ao Serviço de Relações Exteriores e serviu como adido na cidade de Nova York, e como representante permanente de Israel na conferência anual da Comissão de Drogas da ONU em Genebra, além de representante de Israel na Interpol .

No ano de 1960, Avner se tornou Inspetor Chefe da Polícia de Israel e, no auge dos seus 44 anos, foi encarregado de interrogar Adolf Eichmann. Era o único investigador autorizado a se comunicar com ele e, por nove meses, interrogou-o, diariamente, por um total de 275 horas. As transcrições do interrogatório foram encaminhadas ao Ministério Público, em que Eichmann dizia, repetidamente, ter só cumprindo ordens e não se considerava culpado.

8.2. Gabriel Bach

Nascido em 1927, em Halberstadt, na Alemanha, filho de Vitor Bach e Erna Bach, eles viviam em Berlin-Charlottenburg, onde Gabriel frequentou a Escola Theodore Herzl. Toda a família mudou-se em 1938 para Amsterdã, quando se viram sob o governo nazista, e lá o filho continuou frequentando a escola.

Um mês antecedente á invasão nazista na Holanda, Gabriel e toda sua família foram viver em Jerusalém, onde ele cursou o ensino-médio e o primeiro ano na Universidade Hebraica de Jerusalém. Bach recebeu uma bolsa para cursar direito na University College London, onde veio a se formar como alunos destaque em 1953.

No mesmo ano que se graduou, começou a trabalhar no Ministério Público do Estado. Em 1961, recebeu o cargo de procurador-geral adjunto, e também se tornou o segundo promotor no julgamento do Eichmann.

8.3. Gideon Hausner

Gideon nasceu no dia 26 de setembro de 1915, em Lemberg, então capital de Galícia, uma província da Áustria-Hungria, atual Ucrânia. Seu pai chamava-se Bernard Hausner, era um economista judeu-polonês rabino e sionista, que em 1927 mudou-se, acompanhado do filho, para Polônia, pois recebeu o cargo de Assessor Econômico do Governo Polonês. Seguidamente, Hausner cursou o ensino médio em Tel Aviv, localizada na costa mediterrânea de Israel, e logo após ingressou na Universidade Hebraica de Jerusalém em filosofia, e depois estudou direito na Escola de Direito de Jerusalém. Ao longo de sua vida aprendeu a falar polonês, hebraico, inglês, iídiche e alemão.

A respeito de sua vida profissional, Gideon, foi membro da Haganah, uma organização paramilitar da população judaica, em 1948, e logo depois trabalhou como promotor militar, seguido da presidência do tribunal militar.

Foi extremamente importante no julgamento de Adolf Eichmann, sendo esse seu feito mais conhecido, pois chefiou a equipe de promotoria do caso. Apesar de ser várias vezes criticado por exibicionismo de sua parte, era caracterizado por seus interrogatórios ousados a respeito do Holocausto.

8.4. Goldman Gilad

Michael Goldman-Gilad nasceu no dia 26 de julho de 1925, em Katowice, na Polônia. Logo após a eclosão da guerra, ele, juntamente com sua família, foi para Przemysl. Porém, ele foi deportado para Szebnie e, em 1943, para Auschwitz-Birkenau. No ano de 1945, Gilad foi forçado a uma morte marcha, que conseguiu escapar e se esconder junto a uma família polonesa. Sua família, porém, foi levada para os campos de concentração e executada em Belzec.

Após isso, Gilad se ofereceu para lutar no exército soviético e, em 1947, foi para Israel no navio de imigrantes “Hatikvah”. Assim, quando Israel se estabeleceu, ele ficou na cidade de Tel Aviv e se alistou na polícia. Em 1960, quando Adolf Eichmann foi preso, Goldman foi nomeado Oficial de Investigação do Bureau 06. A partir daí, ele ficou encarregado de coletar material e provar a culpa de Eichmann pelos assassinatos de milhões de judeus. Além disso, ele também foi auxiliar pessoal do procurador-geral, que chefiou a promotoria do julgamento de Eichmann, Gideon Hausner.

Na condenação de Eichmann, Gilad foi, também, uma das testemunhas de sua morte e declarou em entrevista que não sentia aquilo como vingança, pois nada terreno seria capaz de vingar as milhões de mortes do seu povo.

8.5. Hannah Arendt

Johanna Arendt, nascida no dia 14 de outubro de 1906 no subúrbio de Linden, em Hannover, Alemanha, no futuro veio a se tornar a famosa filósofa política Hannah Arendt. Aos 3 anos, mudou-se com sua família para a Prússia e 4 anos depois perdera seu pai, ficando sob os cuidados da mãe, Martha Cohn Arendt. Por mais que tenha nascido em família hebraica, ela não teve a educação religiosa tradicional judia, mesmo que acreditasse em Deus de forma livre e pessoal.

Em 1924, com 18 anos, Hannah iniciou seus estudos universitários na Universidade de Marburg, onde estudou filosofia e acabou desenvolvendo um caso amoroso com o professor Martin Heidegger, o que foi muito complicado, já que ele era casado e 17 anos mais velho que ela. Aos 22 anos ela se torna doutora em Filosofia na Universidade de Heidelberg sob a supervisão de Karl Jaspers com sua tese “Love and Saint Augustine”.

Ao se mudar para Berlim em 1929, reencontrou Günther Stern que fora seu conhecido em Malburg e eles se casaram no mesmo ano. Em 1933, Hitler assume como Chanceler da República e inicia suas políticas antissemitas. Hannah, então, se dedicou à luta antinazista enquanto estava trabalhando para a German Federation of Zionists, liderada por Kurt Blumenfeld. Nesse mesmo ano foi presa pela Gestapo, passou 8 dias na prisão e decidiu deixar seu país natal.

Passando por Praga e Genebra, Hannah fugiu para Paris, onde trabalhou como assistente social para crianças judias expatriadas por seis anos na organização Youth Aliyah, até 1939, e no processo perdeu sua nacionalidade alemã, em 1937, se tornando apátrida. Ainda em Paris, conheceu Heinrich Blücher, o filósofo que futuramente se tornaria seu marido. Com a ocupação da França pelos nazistas, Arendt foi detida como “estrangeira suspeita” em um campo de detenção em Gurs, de onde escapou em 1940.

O novo exílio, acompanhado de seu agora marido Heinrich, passou por uma estada em Portugal até a chegada definitiva em Nova York, em 1941. Lá se tornou diretora executiva da The Jewish Cultural Reconstruction, mas aguardou por muitos anos antes de voltar ao trabalho universitário. O casal viveu em Riverside Drive, NYC, e Kingston, NY.

O ano de 1951 foi revolucionário na vida e carreira de Hannah, já que ela se naturalizou americana e publicou a obra que a tornaria mundialmente conhecida entre os intelectuais: “As origens do totalitarismo”. O principal teor da obra era analisar os regimes totalitários, nazismo e stalinismo, que dominaram a Europa no Séc XX e provocaram tamanho horror. Com três ensaios, denominados Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo, a autora conseguiu se consagrar como clássica da filosofia política. Muitas de suas obras foram então publicadas e ela ganhou enorme reconhecimento enquanto cientista política da época. Em 1961, o The New Yorker concedeu a ela a oportunidade de cobrir o julgamento de Eichmann, o que ela considerou ser sua última oportunidade de ver um oficial Nazista em “carne e osso”.

8.6. Isser Harel

Harel nasceu em Vitebsk, na Rússia, membro de uma família grande e rica, dona de uma fábrica de vinagre em sua cidade natal. Após a revolução em Vitebsk, ele e sua família emigraram para Daugavpils, na Letônia. Foi aí que Isser começou seus estudos formais: concluiu o ensino fundamental e começou o ensino médio. Nesse período, ele se juntou a uma organização jovem sionista.

Em 1948, após a criação de Israel, Harel fundou e se tornou o primeiro diretor da agência de segurança interna de Israel, Shin Bet. Como chefe de duas das três agências de inteligência do país, Harel exerceu um poder considerável nos primeiros 15 anos de Israel. Em 1952 se tornou o espião mestre dos serviços de inteligência e segurança de Israel e diretor do Mossad, colocado no cargo pelo primeiro-ministro israelense David Ben-Gurion, que acreditava que buscar a extradição de Eichmann por métodos legais e diplomáticos não daria resultados. Nessa condição, ele supervisionou a captura e o transporte secreto para Israel do organizador do Holocausto, Adolf Eichmann .

Em abril de 1960, a equipe de agentes de Harel chegou a Buenos Aires e rastreou Eichmann até uma residência no bairro de San Fernando da cidade. Em 11 de maio, eles sequestraram Eichmann enquanto ele caminhava de um ponto de ônibus até sua casa. Dias depois, Eichmann foi drogado e colocado clandestinamente em uma aeronave diplomática israelense. Ele foi levado para Tel Aviv para o seu julgamento.

8.7. Joel Brand

Joel Brand nasceu em Naszód, Transilvânia, em 25 de abril de 1906, que estava sob controle da Hungria e se mudou com a família para Erfurt, na Alemanha, em 1910, onde cresceu e foi educado. Ele se tornou um comunista e trabalhou como marinheiro e “faz-tudo”, o que o levou a viajar para as Filipinas, o Japão, a China e a América do Sul antes de retornar à Alemanha. Sua posição política o levou à prisão quando Hitler subiu ao poder. Quando foi solto, em 1934, ele deixou a esquerda alemã e se mudou para Budapeste, Hungria, onde se casou com Hansi Hartmann, em 1935. Além disso, se tornou sionista e conseguiu empre na Budapest Telephone Company.

Brand começou a se envolver com a questão de deportação judia pelo Terceiro Reich em agosto de 1941, quando sua cunhada seria deportada para a Ucrânia, porém ele pagou Josezf Krem, um espião húngaro para garantir a liberdade dela. Em 1942, Joel e Hansi estavam entre os fundadores da Relief and Rescue Committee, a organização que trabalhava pela causa dos judeus refugiados na Hungria. Além deles, estavam Otto Komoly, Rudolf Kastner, Moshe Krausz, Eugen Frankl e Ernst Szilagyí.

Em 19 de março de 1944, a Alemanha ocupou a Hungria e Brand foi sequestrado e escondido por Josef Winninger, um militar da inteligência alemã. Pagou entre \$8.000 e \$20.000 pelo esconderijo. De acordo com o testemunho que forneceu em 1954 a Corte Distrital de Jerusalém, em abril de 1944 ele foi informado por um agente alemão de que deveria esperar em certo ponto para que fosse apanhado e levado a um encontro com Eichmann no Majestic Hotel, em Budapeste. Nesse encontro, Eichmann teria oferecido a Brand a negociação da libertação de 1 milhão de judeus, de quaisquer partes do mundo, em troca de 10 mil caminhões. Os judeus não poderiam permanecer nos territórios já conquistados pela Alemanha porque Eichmann havia prometido torná-los livres de judeus. Ao ouvir a proposta dele, Brand alegou não ser autoridade suficiente para tomar essa decisão além de não saber de onde poderiam tirar os caminhões, já que a propriedade dos judeus já havia sido confiscada. Já Eichmann sugeriu que a negociação fosse levada aos Aliados.

No dia 19 de Maio de 1944, Brand e Bandi Grosz, um judeu húngaro, chegaram em Istambul, onde eles se encontraram com membros locais do Joint Rescue Committee da Jewish Agency. Ao ponto que os governos britânico e estadunidense ficaram cientes da presença deles, Grosz foi preso no dia 1 de junho ao cruzar a fronteira síria. Já Brand foi preso no dia 7 de junho de 1944 em Aleppo. Enquanto preso, foi capaz de contatar os aliados e contar sobre a proposta de Eichmann, que foi veementemente negada pelo governo britânico, que não queria negociar com os nazistas. No dia 19 de julho de 1944, a BBC tornou a proposta nazista pública, enquanto a imprensa britânica classificou como tentativa de suborno aos aliados. Imediatamente Brand foi levado para o Cairo, onde foi considerado um “Prisioneiro privilegiado” até outubro de 1944, quando foi permitido que fosse para a Palestina.

8.8. Otto Adolf Eichmann

Otto Adolf Eichmann, filho de uma família protestante, nasceu em 19 de março de 1906 em Solingen, Alemanha. Durante a primeira guerra mundial ele se mudou com seus familiares para Linz, Áustria. Eichmann não completou seus estudos em engenharia e por isso, após um breve período trabalhando na empresa mineradora de seu pai, tornou-se caixeiro-viajante da empresa de petróleo Vacuum, até perder seu emprego durante a Grande Depressão.

Eichmann entrou para o Partido Nazista em abril de 1932 ainda em Linz, mas deixou a cidade no ano seguinte para se juntar a uma escola de terrorismo da Legião Austríaca em Lechfeld. Otto recebeu treinamento militar durante catorze meses, e após seu fim, em 1934, tornou-se membro da SS, corpo militar de “soldados políticos” comandado por Heinrich Himmler e inicialmente destinado a proteger Adolf Hitler. A ocupação abriu abertura para que Eichmann crescesse dentro do NSDAP, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, e em 1935 foi designado para a sede da SS em Berlim para cuidar das “questões judaicas”.

Se destacando pela maneira que vinha executando seu trabalho, Otto foi nomeado assistente do líder do SS da região principal. Com tal posição no corpo Nazista, em 1938 Eichmann estava responsável pelo Escritório para a Emigração Judaica e foi enviado a Viena, após a anexação da Áustria, para desocupar a cidade de judeus. Mais tarde, em 1939, Heinrich Himmler formou o Escritório Central de Segurança do Reich, RSHA, e Eichmann foi direcionado a Referat IV B4 para lidar novamente com os assuntos judaicos e evacuação.

O escritório de Otto Eichmann foi incumbido de elaborar e implementar a Solução Final, e em 1941 começaram a construir os campos de extermínio e a desenvolver as técnicas de gaseamento. Às ordens de Adolf Hitler de livrar a Alemanha e a Boêmia de judeus o mais rápido possível, Eichmann começou a organizar o sistema de transporte dos judeus até os campos de concentração, e foi posteriormente promovido a tenente-coronel da SS.

Durante a Conferência de Wannsee no início de 1942, uma reunião com representantes civis, policiais e militares e com a finalidade de discutir as questões judaicas, Eichmann foi oficialmente nomeado como “especialista judeu” do RSHA e confiado a implementação da “Solução Final”. Mesmo não se declarando anti-semita, Otto performou seu cargo de maneira fria e foi um exemplo de laboriosidade burocrática. No fim da guerra, quando declarada a interrupção do funcionamento das câmaras de gás, Eichmann ignorou seus superiores e continuou com o plano de extermínio dos judeus.

O réu, Otto Adolf Eichmann, subordinado de Adolf Hitler e de outros superiores como Heinrich Muller e Kaltenbrunner, cresceu gradualmente dentro do Partido Nazista e foi uma importante figura na Segunda Guerra Mundial. Eichmann não só fez parte mas também foi um membro fundamental do movimento que assassinou mais de seis milhões de judeus através de campos de extermínio e unidades móveis de extermínio.

8.9. Robert Servatius e Dieter Wechtenbruch

Robert nasceu de uma família de agricultores e industriais em 31 de outubro de 1894, em Colônia, cidade alemã pertencente ao estado da Renânia do Norte-Vestefália. Servatius se formou no colégio Friedrich-Wilhelm e logo após serviu na Primeira Guerra Mundial como oficial da artilharia. Durante os anos de 1918 e 1922 Robert curso direito passando pela Universidade de Ludwig Maximilian de Munique, Humboldt de Berlim e pela Universidade de Bonn. Após se formar e estagiar no campo jurídico, em 1925, ele recebeu doutorado pela Universidade Bonn e começou a trabalhar em Colônia como advogado tributário e empresarial.

Mesmo não tendo ligação com o Partido Nazista, Robert Servatius voltou ao serviço militar na Segunda Guerra Mundial como major. No entanto, por não ter sido um membro oficial do Partido Nazista, Servatius não pode ser acusado por participação direta na guerra e não foi, consecutivamente, acusado pelos crimes de guerra cometido pelo NSDAP. Contudo, Robert ainda sim teve um importante papel nos julgamentos de guerra. Ele foi uma figura relevante no julgamento de Nuremberg, onde executou serviço de defesa a réus políticos nazistas como Fritz Sauckel, Paul Pleiger e Karl Brandt, médico pessoal de Hitler.

Pela sua atuação como defensor de criminosos de guerra, Robert Servatius foi escolhido pelo réu, entre as três opções oferecidas a Adolf Eichmann, para ocupar o papel de chefe de defesa. Robert será auxiliado na defesa pelo seu assistente Dieter Wechtenbruch, um jovem advogado de Munique. Durante o julgamento, a equipe de defesa não terá permissão de contestar a história do Holocausto, levando então em consideração a participação do réu nas ações do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Portanto, Robert e Servatius não serão capazes de negar os atos de Eichmann, uma vez que é essa a razão pela qual ele foi levado a julgamento.

8.10. Simon Wiesenthal

Simon, nascido no ano de 1908, em Buczacz, no império Austro-Húngaro, atual Ucrânia, formou-se em arquitetura, pela universidade de Praga. Mudou-se para Lvov, na Polônia, em 1936, que foi ocupada pela União Soviética, mas em 1941 foi atacada pela Alemanha, quando Simon foi levado para um campo de concentração. Passou por vários campos até ser libertado em Mauthausen, quatro anos depois por norte-americanos.

Após ter sua liberdade, Simon, além de se reencontrar com sua esposa, ajudou a capturar cerca de 70 soldados e comandantes alemães, e após isso foram para Linz, na Áustria, com identidades falsas.

No ano de 1947, fundou um centro de documentação com relação às vítimas do Holocausto, que precisou ser fechado em 1954, mas foi reaberto em 1959, na intenção de coletar provas contra responsáveis pelo genocídio judeu. Com seu trabalho, conseguiu a captura de mais de 1.000 criminosos nazistas, incluindo Adolf Eichmann. Outras figuras nazistas notórias capturadas e levadas à justiça por ele, são: Franz Stangl, comandante do campo de Treblinka, e também o oficial da Gestapo Karl Silberbauer, detentor de Anne Frank.

8.11. Willem Sassen

Wilhelmus Antonius Sassen nasceu no dia 18 de abril de 1918 em Geertruidenberg, Holanda. Cresceu em uma família tradicional católica, com pai dirigindo uma loja de móveis e muito fascinado pelos ideais fascistas. Tudo isso foi alimentado pela presença do jovem Willi em os Jogos Olímpicos de Berlim, onde conversou com Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista, além de Mussolini e o próprio Hitler para matérias do jornal de sua escola. Decidiu não seguir a carreira eclesiástica, optando por cursar Direito na Bélgica, porém, suas atividades políticas pró-nazistas o levaram à expulsão do país, fazendo com que ele não pudesse terminar o curso universitário.

Em 1938, Sassen se tornou recruta no Exército Holandês, onde foi treinado no uso de armas pesadas. Na invasão nazista à Holanda em 10 de maio de 1940 ele era membro do 7th Field Artillery e foi levado como prisioneiro brevemente pelos alemães. Ainda nesse ano, se casou com Paula Fiseti, de quem mais tarde se divorciou.

Durante a Operação Barbarossa, Sassen se voluntariou para a frente leste alemã, se tornando membro da primeira "Propaganda Kompanie" holandesa. Por já ter trabalhado algum tempo na Radio Bremen, ele foi treinado para o trabalho de correspondente de guerra. Em 26 de julho de 1942, Sassen foi ferido próximo a Rostov e passou os 8 meses seguintes se recuperando do ferimento em Cracóvia, Munique e Berlim. Em 1943 ele foi promovido a SS-Unterscharführer. De agosto de 1943 a junho de 1944, ele fez parte do time permanente de editores da Radio Brussels. No chamado "Dia D", Sassen estava no fronte na Normandia reportando batalhas. Com o retorno dos alemães para sua terra, ele permaneceu na Holanda e se tornou editor do jornal Het Nieuws van den Dag em Amsterdã. Após ter dito em seu jornal que as pessoas passando frio e fome na cidade deveriam recorrer ao roubo daqueles mais ricos, foi demitido pela pressão da polícia.

Com a derrota dos nazistas, Sassen foi obrigado a fugir com seu irmão mais novo e acabou sendo capturado em 5 de junho de 1945 em Alkmaar, sendo preso no Fort Blauwkapel. Depois da fuga, se encontrou com a namorada, Miep van der Voort, e o amigo, Anthony Mertens. Passou 2 anos se escondendo, no período em que nasceu sua primeira filha, Saskia Sassen, conseguiu um passaporte e partiu com destino final a Argentina. Começou, então, seu trabalho como escritor "fantasma", como conheceu Eichmann.

Na Buenos Aires dos anos 1950, o encontro entre antigos nazistas era comum e Sassen conseguiu conversar com muitos deles, como o Doutor Josef Mengele e Adolf Eichmann. O contato com o chefe da Solução Final resultou em 67 gravações em fita, totalizando 25 horas, mais de 1300 páginas manuscritas e notas. Sassen vendeu as transcrições por dezenas de milhares de dólares para a LIFE e a Stern, revistas que divulgaram alguns trechos.

9. Referências bibliográficas

ADOLF EICHMANN. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/adolf-eichmann-abridged-article>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

ADORNO, Sérgio. A banalidade da violência contemporânea: o problema da anestesia moral. In: BREPOHL, Marion (org.). Eichmann em Jerusalém 50 anos depois. Curitiba: UFPR, 2013, pp. 79-101.

AGIRREAZKUENAGA, Joseba & URQUIJO, Mikel. La prosopografía, una aproximación a la verdad histórica desde los actores. La prosopografía, una historia desde los actores. Papers del Museu d'Història de Catalunya, Lleida, 2003.

ALEXANDROV, Victor. Seis milhões de mortos: a vida de Eichmann. Lisboa: Estúdios Cor, 1961.

ALMEIDA, Roberto. Em carta, Wächter afirma que nazistas entravam no Brasil sem passaporte, Opera Mundi, 20 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/31314/em-carta-wachter-afirma-que-nazistas-entravam-no-brasil-sem-passaporte>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 43, jan-abr 2010, pp. 109-125. Aprovado no Vestibular. "Nazismo - Resumo, ideologia, características". Disponível em: <<https://aprovadonovestibular.com/nazismo-totalitarismo-ideologia-caractersticas.html#>> Acesso em: 04 jan 2020

ARAÚJO, Ana Paula. "Doutrina Nazista". Disponível em: <<https://www.infoescola.com/politica/doutrina-nazista/>> Acesso em: 03 jan 2020

ARAUJO, Gabrielly. Segunda Guerra Mundial - história, causas e consequências, Estudo prático, 18 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/segunda-guerra-mundial-historia-causas-e-consequencias/>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBOSA, Luiz Henrique Lucas. O julgamento de Adolf Eichmann: A tentativa de defesa de justificar o injustificável. Rio de Janeiro: Revista da SJRJ, 2019

BERKOWITZ, Roger. Misreading 'Eichmann in Jerusalem'. The New York Times, 7 de julho de 2013. Disponível em <<https://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/07/07/misreading-hannah-arendts-eichmann-in-jerusalem/>>, acesso em 03/05/2017.

BEZERRA, Eudes. Pacto Molotov-Ribbentrop: o casamento de Hitler e Stalin, Incrível História, 7 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://incrivelhistoria.com.br/pacto-molotov-ribbentrop/>>, acesso em 2 de fevereiro de 2020.

BOURDIEU, Pierre. La ilusión biográfica. Acta Sociológica, n. 56, set-dez 2011, pp. 121-128.

BULST, Neithard. Sobre o objeto e o método da prosopografia. Tradução de Cybele Crossetti de Almeida. Politeia: Hist. e Soc., v. 5, n. 1, 2005, pp. 47-67.

BURKE, Peter. Two Crises of Historical Consciousness. Storia della Storiografia, n. 33, 1998.

CESARINI, David. Adolf Eichmann: the mind of a war criminal. BBC History, 17 de fevereiro de 2011. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/genocide/eichmann_01.shtml>, acesso em 03/05/2017.

COLEGIO WEB. Formação da ONU, 1 de junho de 2012. Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/onu-organizacoes-das-nacoes-unidas/formacao-da-onu.html>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

Collection of Hansi and Joel Brand, activists in the Relief and Rescue Committee in Budapest during World War II, Portal EHRI. Disponível em: <https://portal.ehri-project.eu/units/il-002798-p_32> . Acesso em: 8 de junho de 2021.

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA USP. Declaração das Nações Unidas, Biblioteca virtual de direitos humanos da USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-Internacionais-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-1919-a-1945/declaracao-das-nacoes-unidas-1942.html>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

CRAVO, Marco Antônio Pedroso. Os julgamentos do Tribunal de Nuremberg, Canal Ciências Criminais, 18 de julho de 2019. Disponível em:

<<https://canalcienciascriminais.com.br/os-julgamentos-do-tribunal-de-nuremberg/>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

CRAVO, Marco Antônio Pedroso. Os julgamentos do Tribunal Militar do Extremo Oriente (Tribunal de Tóquio), Canal Ciências Criminais, 20 de julho de 2019. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/julgamentos-tribunal-de-toquio/>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

DW BRASIL. 1945: A tomada de Berlim. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1945-a-tomada-de-berlim/a-800881>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

EHRI. " Texts of the tapes of the interview held by Willem Sassen with Eichmann in Argentina, Part Three, 1956-1957". Disponível em: <https://portal.ehri-project.eu/units/il-002798-8421007-10623184?dlid=eng-o_65_eng> Acesso em: 25 abr 2020

EHRI. Texts of the tapes of the interview held by Willem Sassen with Eichmann in Argentina, Part Three, 1956-1957. Disponível em: <https://portal.ehri-project.eu/units/il-002798-8421007-10623184?dlid=eng-o_65_eng>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

Encyclopædia Britannica. "Adolf Eichmann German military official" Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Adolf-Eichmann>> Acesso em: 28 mai 2021

FABER, Marcos Emilio E. Consequências da segunda guerra mundial, História Livre. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/contemporanea/conguerra2.htm>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

FELÍCIO, Carmelita Brito de Freitas. Do mal radical à banalidade do mal: entre Kant e Arendt. Fragmentos de Cultura, v. 15, n. 3, mar. 2005, pp. 531-546.

FERNANDES, Cláudio. "Arianismo: A heresia de Ário". Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/arianismo-heresia-ario.htm>> Acesso em: 03 jan 2020

FERNANDES, Cláudio. "Holocausto". Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holocausto.htm>> Acesso : 07 jan 2020

FERNANDES, Cláudio. "Nazismo". Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>> Acesso em: 04 jan 2020

FOLHA DE SÃO PAULO. GOVERNO DE ISRAEL RECUSA-SE A DEVOLVER EICHMANN À ARGENTINA, Banco de dados da Folha, 10 de junho de 1960. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_10jun1960.htm>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Hannah Arendt, EBiografia, 5 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/hannah_arendt/>, acesso em: 3 de junho de 2021.

FRUM, David. "The Lies of Adolf Eichmann". Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/10/the-lies-adolf-eichmann-told/381222/>> Acesso em : 25 abr 2020

HAROCHE, Claudine. Crueldade da personalidade totalitária, crueldade da personalidade ilimitada. In: BREPOHL, Marion (org.). Eichmann em Jerusalém 50 anos depois. Curitiba: UFPR, 2013, pp. 103-124.

HAUSNER, Gideon. Adolf Eichmann - SS Obersturmbannführer. Yadvashem, 2020. Disponível em: < <https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/eichmann/overview.asp> >. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA. Tribunal Militar Internacional de Nuremberg. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/international-military-tribunal-at-nuremberg>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

HowOld. "Robert Servatius". Disponível em: <<https://www.howold.co/person/robert-servatius>> Acesso em: 13 abr 2020.

IDC. "Eichman". Disponível em: <<http://www.internationalcrimesdatabase.org/Case/185/Eichmann/>> Acesso em: 13 abr 2020.

Israel State Archives. "Special publication: Behind the scenes at the Eichmann Trial". Disponível em: <<https://www.archives.gov.il/en/chapter/behind-scenes-eichmann-trial/>> Acesso em : 13 abr 2020.

Jewish Telegraphic Agency. "Eichmann Chooses German Lawyer to Act As His Defense Attorney". Disponível em:

<<https://www.jta.org/1960/07/15/archive/eichmann-chooses-german-lawyer-to-act-as-his-defense-attorney>> Acesso em: 13 abr 2020.

Jewish Telegraphic Agency. "Eichmann's Lawyer Files Notice of Appeal Against Death Sentence". Disponível em: <<https://www.jta.org/1961/12/18/archive/eichmanns-lawyer-files-notice-of-appeal-against-death-sentence>> Acesso em: 13 abr 2020.

Jewish Telegraphic Agency. "Ex-nazis in Germany Refuse to Testify in Defense of Eichmann". Disponível em: <<https://www.jta.org/1961/04/05/archive/ex-nazis-in-germany-refuse-to-testify-in-defense-of-eichman>> Acesso em: 25 mai 2021.

Jewish Virtual Library. "Adolf Eichmann (1906 - 1962)". Disponível em: <<https://www.jewishvirtuallibrary.org/adolf-eichmann>> Acesso em: 26 mai 2021.

Joel Brand, 2007 Schools Wikipedia Selection. Disponível em: <https://www.cs.mcgill.ca/~rwest/wikispeedia/wpcd/wp/j/Joel_Brand.htm>. Acesso em: 8 de junho de 2021.

JOKURA, Tiago. "O que era a Gestapo?". Super Interessante, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-era-a-gestapo/>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

JONAS. A problematização do mal no julgamento de Eichmann, segundo Hannah Arendt, Instituto Humanitas Unisinos, 24 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543849-a-problematizacao-do-mal-no-julgamento-de-eichmann-segundo-hannah-arendt>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

LAFER, Celso. A ruptura totalitária e a reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com Hannah Arendt. São Paulo: Rumo Gráfica Editora, 1988.

LAFER, Celso. Reflexões sobre a atualidade da análise de Hannah Arendt sobre o processo Eichmann. In: BREPOHL, Marion (org.). Eichmann em Jerusalém 50 anos depois. Curitiba: UFPR, 2013, pp. 17-33.

LEUZINGER, Bruno. A FUGA E A CONDENAÇÃO DE ADOLF EICHMANN, Aventuras na História, 19 de março de 2019. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-fuga-condenacao-nazista-adolf-eichmann.phtml>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 44, n. 6, nov-dez 1989, pp. 1325-36.

LitCharts. "Eichmann in Jerusalem". Disponível em: <<https://www.litcharts.com/lit/eichmann-in-jerusalem/characters/robert-servatius>> Acesso em: 13 abr 2020.

MARASCIULO, Marilia. Hannah Arendt: 3 frases para entender o pensamento da filósofa, *Revista Galileu*, 3 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/10/hannah-arendt-3-frases-para-entender-o-pensamento-da-filosofa.html>>, acesso em: 3 de junho de 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. A carta das Nações Unidas, ONU Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/carta/>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

RABOLINI, Luisa. O mal não é banal. Eichmann antes do processo de Jerusalém, 21 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569865-o-mal-nao-e-banal-eichmann-antes-do-processo-de-jerusalem>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

REDAÇÃO BONDE. O dia da rendição alemã na II Guerra, *Bonde*, 2 de maio de 2009. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/educacao/passado-a-limpo/o-dia-da-rendicao-alema-na-ii-guerra-110002.html>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

Renegade Tribune. "President Eisenhower's Brother, An Attorney, Condemned The Nuremberg & Eichmann Trials". Disponível em: <www.renegadetribune.com/president-eisenhowers-brother-attorney-condemned-nuremberg-eichmann-trials/> Acesso em: 14 abr 2020.

REYNOLDS, Quentin. *Ministro da morte: o caso Eichmann*. Porto Alegre: Globo, 1961.

RODRIGUES, Carolina. Como escaparam os maiores criminosos nazis à justiça dos Aliados?, *Revista Sábado*, 11 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.sabado.pt/vida/detalhe/como-escaparam-os-maiores-criminosos-nazis-a-justica-dos-aliados>>, acesso em: 2 de fevereiro de 2020.

SANTIAGO, Emerson. "Nestorianismo". Disponível em: <<https://www.infoescola.com/religiao/nestorianismo/>> Acesso em: 03 jan 2020

SCHUTZSTAFFEL. Wikipédia, 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Schutzstaffel>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

SICHERHEITSDIENST. Wikipédia, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sicherheitsdienst>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

Significados. "Significado de Arianismo". Disponível em: <<https://www.significados.com.br/arianismo/>> Acesso em: 17 dez 2019

SILVA, Bruno Izaías. "Ascensão do Nazismo". Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/ascensao-do-nazismo/>> Acesso em: 16 dez 2019.

SOUKI, Nádia. O problema do mal em Hannah Arendt. In: A banalização do mal: significado e representação. Anais do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte: PUC-MG, 2007.

SOUSA, Rainer. "Raça Ariana - Ariana". Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/artigos/raca-ariana.htm>> Acesso em: 17 dez 2019.

STANGNETH, Bettina. Eichmann before Jerusalem: the unexamined life of a mass murderer. Nova York: Alfred A. Knopf, 2014.

THE HANNAH ARENDT CENTER FOR POLITICS AND HUMANITIES. About Hannah Arendt, Bard College. Disponível em: <<https://hac.bard.edu/about/hannaharendt/>> , acesso em: 3 de junho de 2021.

THE HANNAH ARENDT CENTER FOR POLITICS AND HUMANITIES. Excerpts from the Sassen Papers, 7 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://hac.bard.edu/amor-mundi/excerpts-from-the-sassen-papers-2013-07-12/>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

UOL EDUCAÇÃO. Hannah Arendt, 17 de outubro de 2005. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/hannah-arendt.htm?cmpid=copiaecola>>, acesso em: 3 de junho de 2021.

VAN WOLFFELAAR, Ralph. Willem Sassen en de primeur van de eeuw, BN DeStem, 30 de abril de 2018. Disponível em:

<<https://www.bndestem.nl/oosterhout/willem-sassen-en-de-primeur-van-de-eeuw~a076fc6b/?referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

VASHEN, Yad. The Nazis & the Jews: The “Blood for Goods” Deal, Jewish Virtual Library. Disponível em: <<https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-quot-blood-for-goods-quot-deal-april-1944>>. Acesso em: 8 de junho de 2021.

VILLA, Dana R. Politics, Philosophy, Terror: Essays on the Thought of Hannah Arendt. Princeton: Princeton University Press, 1999.

WEBB, Chris; STEIN, Rachel. Joel Brand "Blood for Goods", H.E.A.R.T., 2009. Disponível em: <<http://www.holocaustresearchproject.org/nazioccupation/brand.html>> . Acesso em: 8 de junho de 2021.

WIKIPEDIA. Willem Sassen. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Willem_Sassen>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

Wikiwand. “Eichmann-Prozess”. Disponível em: <<https://www.wikiwand.com/de/Eichmann-Prozess>> Acesso em: 25 mai 2021.